

Algumas ideias sobre ideias de teatro

com Francisco Frazão



© Stephen Cumminskey

Ter 15 de setembro
Definições (“What’s in a name?”)

Ter 22 de setembro
Comunidade/Separação

Ter 29 de setembro
Íntimo/Político

Seg 5 de outubro
Encenação/Dispositivo

Alguém que acha que a faca é verdadeira, alguém que se limita a dar nome a um espaço, que bebe a última gota de gin, que pergunta se estamos a ver bem, alguém que encontrou semelhanças entre um cubo e uma autoestrada, que lê um romance em seis horas, que desenha uma cruz na testa, alguém que foge do ecrã para entrar no filme, que projeta o filme do avesso, que canta uma autobiografia, que faz perguntas sem parar, que carrega sofás. Alguém (eu) que viu ou leu estas coisas e quer continuar a falar delas.

O que proponho é um percurso parcial – isto é, fragmentário e subjetivo – por alguns textos do último meio século e alguns espetáculos da última década

(bocados de textos, bocados de espetáculos), à procura nuns e noutros de ideias de teatro e confiando em Deleuze quando diz que “não se tem uma ideia em geral”. Atravessaremos para as dessemaranhar uma floresta de oposições como as que dão título a três das conferências, desnorteados por ainda outras polaridades: teatro/*performance*, presença/representação, espectador/testemunha, ironia/sinceridade, narrativa/catálogo... O caminho olha-se ao espelho: é sobre teatro e definições de teatro, sobre peças que são sobre teatro, talvez sobre a palavra “sobre”. Mas é um espelho deformado, diferido (mostra o passado), um espelho que às vezes até se volta para o mundo.

Os textos serão de Osório Mateus, Jacques Rancière, Michael Fried, Stanley Cavell, Peter Brook, Sarah Kane; e os espetáculos de Tim Crouch, Elevator Repair Service, Angélica Liddell, Teatro Praga, Cão Solteiro, Forced Entertainment, Nature Theater of Oklahoma.

Francisco Frazão

Definições (“What’s in a name?”)

Um primeiro momento tratará de sustentar a noção de ideia de teatro enquanto conceito forte, e suficientemente flexível para se poder aplicar tanto a espetáculos como aos textos que os rodeiam ou integram. Depois, a partir de alguns excertos que funcionarão como pontos topográficos, tentarei tecer uma rede de homonímia em volta da palavra “teatro”, construindo um espaço feito de proximidades e distâncias, repetições e inversões. “What’s in a name?”, pergunta Osório Mateus citando Shakespeare. Da célula mínima do teatro definida por Peter Brook ao teatro do mini-

malismo segundo Michael Fried, veremos algumas respostas possíveis. Presença e situação, duração e distância, cumplicidade e duplicidade vão ser alguns dos termos a destacar. Abordarei finalmente a dicotomia teatro/*performance*, dobrada pela que opõe presença a representação.

Francisco Frazão é programador de teatro da Culturgest. Fez o curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Integrou a comissão de leitura dos Artistas Unidos entre 2000 e 2004. Traduziu Beckett, Pinter, Stephen Greenhorn, Howard Barker, Tim Crouch, Abi Morgan, Katori Hall, Chris Thorpe, Tim Etchells. Tem publicado artigos e dado aulas sobre teatro, cinema e literatura.

CONFERÊNCIAS TER 15, 22, 29 DE SETEMBRO E SEG 5 DE OUTUBRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO